



O MACHISMO ENTRA EM CAMPO: LAURA, A MENINA PROIBIDA DE JOGAR FUTEBOL COM OS MENINOS¹

Osmar Moreira de Souza Júnior²

Ana Cláudia Bianconi³

RESUMO

O estudo tem como objetivos analisar as opiniões de Laura - proibida de competir em uma equipe masculina - e seu pai sobre jogos de futebol em equipes mistas, bem como apresentar argumentos em defesa desses jogos a partir da pedagogia do esporte. A partir de entrevista semiestruturada com a garota e seu pai e de revisão de literatura da pedagogia do esporte concluímos que os jogos de futebol em equipes mistas são uma realidade possível, mas não concreta para o atual momento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; pedagogia do esporte; equidade de gênero.

INTRODUÇÃO

Homens e mulheres poderiam jogar futebol juntos? Essa polêmica ganha visibilidade cada vez que os meios de comunicação noticiam que alguma menina ou mulher desafia as fronteiras de gênero, “ousando invadir os gramados”.

Uma das mais recentes transgressoras é Laura Pigatin, 13 anos, proibida de participar da fase regional do campeonato de futebol organizado pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo (SELJ). Laura já havia sido vítima do veto dos tecnocratas do futebol nas edições de 2015 e 2016 do campeonato regional organizado pela SELJ.

Titular da equipe da ADESM-São Carlos, campeã da fase municipal nos dois anos, a garota foi impedida de participar da fase regional até que sua família recorreu às redes sociais e a um abaixo assinado que ganharam repercussão na mídia fazendo com que a SELJ promovesse um recuo estratégico, concedendo uma autorização provisória para que a menina participasse da edição do ano passado, com a promessa de rever o regulamento para o ano de 2017. Promessa que foi sumariamente esquecida assim que o caso perdeu evidência midiática.

A justificativa do diretor de esportes da SEJL Marco Antonio Cardoso é que menino não gosta de jogar com menina. “Menino é menino e menina é menina. Time misto não vai ter porque dentro da nossa concepção menino joga com menino e menina joga com menina. Esta relação de time misto não vai existir aqui na secretaria”, afirma o diretor em reportagem do portal de notícias UOL (PEREIRA,

1 O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), osmar@ufscar.br

3 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), anabbinconi@gmail.com

2017). Opera-se dessa forma, na lógica da violência simbólica (BOURDIEU, 2010), no sentido de naturalizar uma relação de dominação.

No mesmo sentido, de acordo com Kessler (2016) os indivíduos que não se enquadram na lógica de consumo do futebol hegemônico, dentre eles as mulheres, são rotulados e estigmatizados, permanecendo à sombra do futebol. Goellner (2005) compreende que as mulheres do futebol transitam pelas nuances entre as sombras e visibilidades, mas assume que os silenciamentos sobre sua presença nunca significou ou significa ausência (GOELLNER, 2011).

Partindo desse cenário, o presente estudo tem por objetivos analisar as opiniões de Laura e seu pai a respeito da possibilidade de jogos de futebol em equipes mistas, bem como apresentar argumentos em defesa desses jogos a partir de pressupostos da pedagogia do esporte.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa assume o caráter exploratório no sentido de buscar estabelecer uma maior familiaridade com o fenômeno estudado, orientando-se pela combinação das abordagens dos estudos de caso e da pesquisa bibliográfica (GIL, 2008).

A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada (CRUZ NETO, 2002) com Laura Pigatin e seu pai Lauro Pigatin e teve a duração de 42 minutos.

A HISTÓRIA DE LAURA

Laura Pigatin nasceu no dia 28 de janeiro de 2004. O futebol está presente em sua vida desde muito cedo, seja como espectadora dos jogos do pai e do irmão ou na televisão, seja em sua inusitada recusa a participar das aulas de balé com as meninas oferecidas pela escola para ser a única menina da turma de futebol ainda com cinco anos.

Com cerca de 11 anos, Laura foi vista jogando em um campeonato e convidada pelo treinador da equipe da Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos (ADESM) de São Carlos para treinar futebol nesse clube.

O pai e a mãe sempre acompanham a filha nos jogos. Sobre o preconceito sofrido por ser uma menina jogando com os meninos, o pai relata que a receptividade é sempre muito boa tanto por parte dos pais e jogadores de sua equipe quanto das equipes adversárias, havendo apenas um episódio muito negativo há cerca de dois anos:

Em Pirassununga, durante uma copinha, contra um time de Limeira [...] teve um lance no meio de campo, que a Laura dividiu a bola com um menino, ou ela driblou o menino, não me lembro. E aí alguém gritou, uma voz feminina gritou: 'Oh, dá um murro na boca dessa menina, lugar de mulher é em casa, na cozinha. Brincando de boneca. O que esse menina tá fazendo aí.'. (Lauro Pigatin).

Sobre sua preferência em jogar com os meninos ou meninas, Laura afirma que gosta de jogar com os meninos, mas que gostaria de jogar com as meninas também, contudo não há equipes femininas (de futebol de campo) para jogar.

Ao ser questionada sobre as principais características dos melhores jogadores de sua equipe, Laura avalia que o menino que se destaca é "o cara que enxerga bem

o jogo, tem inteligência, pensa o que vai fazer antes da bola chegar”. A pesquisadora pergunta ainda a Laura se, dentro desse cenário, esse jogador diferenciado tem alguma coisa que ela não poderia ter, tendo como resposta: “não, se eu treinar eu posso fazer essas coisas”; e o seu pai complementa:

Isso eu vou falar por ela, o passe dela é melhor que o da maioria inclusive viu. A grande qualidade dela é o passe e a visão de jogo. Os meninos tem o problema de prender demais a bola, eles querem driblar muito e não jogam muito coletivamente, né. São poucos que jogam coletivamente, ela já joga bem coletivamente. O forte dela é o toque de bola, não ficar driblando, enxergar o jogo [...]. Tem muitos meninos que jogam muito, mas não tem aquilo do coletivo, eles jogam pra eles. Abaixam a cabeça e saem driblando, aí perde a bola não liga muito. Ela não, ela já perde a bola, ela já volta. Taticamente, ela se movimenta e ela joga pro time. Os meninos já não, eles jogam pra eles, eles jogam pra torcida. Eles não têm muita responsabilidade, ela joga com responsabilidade. (Lauro Pigatin).

A fala de Laura e de seu pai em relação à indiferenciação entre meninos e meninas no que tange às qualidades de futebolistas fora de série nos abre caminho para a discussão da tese de que meninos e meninas, homens e mulheres teriam plenas condições de participar de partidas de futebol em equipes mistas em qualquer idade.

EM DEFESA DOS JOGOS DE FUTEBOL EM EQUIPES MISTAS

A partir da história de vida de Laura e de outras histórias como a da conquista de um campeonato masculino (Copa Moleque Travesso de 2016) pela equipe de meninas do Centro Olímpico (PEREIRA, 2016), sob protestos dos pais de atletas das equipes adversárias, ou ainda da conquista similar da AEM Lleida, campeã com quatro rodadas de antecedência no campeonato em uma liga masculina da Catalunha na Espanha (TRONCHONI, 2017), é que pretendemos, partindo dos pressupostos da pedagogia do esporte, defender nossa tese de que o futebol permite a realização de partidas em equipes mistas.

Acreditamos que a delimitação etária é desnecessária, pois a lógica interna do futebol, por ser um esporte coletivo com interação entre os adversários, implica em demandas de ordem tática muito mais do que as de ordem física que prevalecem nos esportes sem interação (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012), tais como o atletismo ou a natação, cuja exigência fica centrada nas capacidades físicas e na competência técnica de acordo com os pressupostos da praxiologia motriz (RIBAS, 2011).

Laura e seu pai reforçam nossa tese ao identificar as características de um jogador extraordinário e perceber que Laura tem condições de realizar tudo o que esse jogador realiza. Em entrevista ao website Ludopédio, a antropóloga Carmen Rial também corrobora nossa tese:

É claro que existem homens altos e baixos, fortes, e fracos, mulheres altas e baixas, fortes e fracas. É provável e possível, e ninguém discorda que homens, em média, são mais fortes e mais altos, mas isso é a média! E isso pode ser menos significativo do que se imagina. Estamos vendo estatísticas; o Barcelona é a equipe mais baixa da Europa entre todos os 500 clubes que atuam nas primeiras divisões. Então, há outras questões que podem estar em jogo...

[...]

Devemos preconizar uma igualdade na formação, e que joguem os melhores, sejam homens ou mulheres, pouco importa. A gente sabe que a supremacia física não é a determinante em todas as posições. O Neymar está aí para mostrar isso. (...) Esses discursos se constroem utilizando a questão física como um alibi, mas as razões, sabemos, são outras (RIAL, 2012, s/p).

Assim como Rial, somos adeptos da tese de que homens e mulheres têm condições de competir em condições de igualdade em provas esportivas, fazendo-se algumas pequenas ressalvas, como nos casos de esportes de marca (GONZÁLEZ, 2006) nos quais as demandas recaem, além das qualidades técnicas, sobre as capacidades físicas e nos casos dos esportes com interação entre os adversários, que dispõem de barreiras físicas como a rede de voleibol ou a cesta do basquetebol que implicam em uma espécie de “seleção natural” dos atletas de maior estatura.

Por fim, podemos concluir que os jogos entre equipes mistas de futebol são sim uma realidade possível. Entretanto, deixam de ser uma realidade concreta, não pela diferença de capacidades físicas entre elas e eles, mas simplesmente por que nos convencemos historicamente de que o futebol é um esporte deles e para eles e para se quebrar essa barreira histórico-cultural e atingir-se um patamar de equidade de gênero genuína, são necessários muitos anos de investimento político e socioafetivo.

SEXISM TAKES THE FIELDS: LAURA, THE GIRL FORBIDDEN FROM PLAYING SOCCER WITH THE BOYS

ABSTRACT: The study aims to analyze Laura's opinions - forbidden from competing in a male's team - and her father, about soccer game in gender-mixed teams, as well as to show arguments on the defense of such games based on sports' pedagogy. Evolving from a semi-structured interview with the girl and her father and literature review of sports' pedagogy, it was concluded that soccer games in mixed-gender teams are possible; however, it is not concrete for the current historical moment.

KEY-WORDS: soccer; sport pedagogy; equity of gender.

EL MACHISMO ENTRA EN CAMPO: LAURA, LA CHICA PROHIBIDA DE JUGAR FÚTBOL CON LOS CHICOS

RESUMEN: El estudio tiene como objetivo analizar las opiniones de Laura - prohibida de competir en un equipo masculino - y su padre sobre juegos de fútbol en equipos mixtos, así como presentar argumentos en defensa de esos juegos desde la pedagogía del deporte. Partiendo de entrevista semiestructurada con la chica y su padre y de una revisión de literatura de la pedagogía del deporte concluimos que los juegos de fútbol en equipos mixtos son una realidad posible pero no concreta para el actual momento histórico.

PALABRAS CLAVE: fútbol, pedagogía del deporte; equidad de género

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. pp. 51-66.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

_____. Prefácio. Memórias olímpicas: a vez e a voz das mulheres. In: RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 5-9.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação dos esportes. In: REZER, Ricardo (org.). **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó-SC: Argos, 2006. pp. 111-121.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, núcleo de Educação Aberta e a distância, 2012.

KESSLER, Claudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, Cláudia Samuel (org.). **Mulheres na área: gênero, diversidades e inserções no futebol**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016. pp. 21-41.

PEREIRA, Felipe. Laura, 12, podia jogar futebol com meninos, mas agora não pode mais. **UOL**. 01/07/2016. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/07/01/sao-paulo-exclui-atleta-de-campeonato-de-futebol-porque-ela-e-menina.htm>> Acesso em 14 abr. 2017.

_____. Time feminino conquista título contra garotos. Pais não aceitam. **UOL**. 25/07/2016. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/22/justica-bloqueia-r-98-milhoes-do-comite-rio-2016-a-pedido-de-fornecedor.htm>> Acesso em 14 abr. 2017.

_____. Elas ainda não podem jogar. SP proíbe times mistos em nome da tradição. **UOL**. 06/03/2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/03/06/elas-ainda-nao-podem-jogar-sp-proibe-times-mistos-em-nome-da-tradicao.htm>> Acesso em 14 abr. 2017.

RIAL, Carmen Silvia. **Ludopédio**. Entrevistas: Carmen Rial (parte 2). 28/12/2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/entrevistas/carmen-rial-parte-2/>> Acesso em 14 abr. 2017.

RIBAS, João Francisco M. Praxiologia motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**. Rio Claro. v. 11, n. 2, p. 103-110, mai./ago., 2005.

TRONCHONI, Nádia. Time feminino vence campeonato masculino na Espanha. **El País**. 03/04/2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/02/deportes/1491150485_663639.html> Acesso em 14 abr. 2017.